

ARNALDO JABOR

● Jornalista

Eleições-Presidenciais Quem tem de mudar é o Presidente da República

09 JUN 1998

JORNAL DE BRASÍLIA

NÃO ADIANTA MARKETING PARA MELHORAR A IMAGEM DE FHC

Foi a seca. Foi o El Niño. Foi o fogo em Roraima. Foi a crise da Ásia. Não. Não foi. Foi o Fernando Henrique Cardoso quem mais prejudicou o governo Fernando Henrique Cardoso. Foi ele que fez cair seus índices. Foi sua personalidade que plasmou esse tipo de governo e sua relação com o povo.

O projeto de FH foi o mais interessante que surgiu no País, a meu ver. Havia uma grande e radical novidade oculta por trás de uma aparente "aliança conservadora": cair de boca, entrar de sola no verdadeiro Brasil, numa espécie de "real politik" revolucionária, abandonando os slogans imaginários de uma velha esquerda, que via e vê o Brasil como um "outro lugar" a se chegar e não como este buraco óbvio que ulula em nossa cara. A ótima idéia de FHC era tirar o "novo" do "velho". O novo estava em não mais se pensar o país como um lugar "além do arco-íris" que seria atingido por um modelo político ideal. O "novo" estava justamente na aceitação pura e clara de uma realidade política feita de conchavos, reacionários, corrupção, clientelismo. O novo estava em usar o "atraso" para fazer o "moderno" sair. O novo era reformar o Estado patrimonialista secular. Aproveitar a falência do Estado para entregar a responsabilidade à sociedade civil, numa reforma mais "antropológica" que política. FHC, desde sua tese de doutorado, sempre teve interesse pela convivência de dualidades conflitantes: "Escravidão e Capitalismo no Século XIX", imperialismo e dependência, metrópole e periferia, política concreta e teorismo acadêmico. Isto fez dele o nome perfeito para o grande desafio do mundo global: como desviar o rumo do liberalismo selvagem e arrogante do "pós-muro", do "pós-Gorbachev" com o interesse de um país dependente e "underdog" como o nosso. Neste detalhe estratégico estava toda a novidade que me entusiasmou.

Mas, hoje, quatro anos depois, toda esta rica ambigüidade assumida emaciou-se, feneceu. Não se conseguiu desvio algum ao liberalismo selvagem. E esta indefinição já está servindo para reviver os mais burros slogans de uma oposição perdida no Século XIX. De novo, os falsos humanismos irrealizáveis estão ganhando força: "Acabaremos com a fome com uma canetada!", "a reforma agrária será feita em horas!", "o desemprego acabará em minutos...!". Tudo isso com a força

bruta do "não", com o charme delicioso do simplismo. Enquanto isso, os tucanos grilham em nuvens: "precisamos mudar o marketing, precisamos mudar as táticas!". Não precisa nada. O que devia ter mudado há três anos atrás e não mudou (e eu inúmeras vezes critiquei isso aqui e na TV) era a relação com a opinião pública. Não falo, nem falei jamais, de 'marketing' ou propaganda. Isso é pra vender Coca-Cola. Falei e falo do vínculo popular que não houve, de um fio-terra entre o projeto do Governo e a população, com a explicação detalhada de cada reforma que se devia fazer.

Explicar, por exemplo, por que é injusto uma Previdência que gasta metade da verba para pagar apenas 15% dos seus aposentados e a outra metade para os pobres 85%. Lembrem-se de que a Vale foi privatizada sem explicações, com o Raul Cortez vendendo uma espécie de anúncio de geladeiras? A tal 'revolução silenciosa' que se pretendia fazer só seria possível com a adesão maciça da população, para além dos conchavos do Congresso. Esse diálogo com o povo a cada minuto não era para ser uma "propaganda necessária", como foi entendido por muito tucano flácido do Governo. Nada disso. Era o mais importante dos ministérios, a mais crucial tarefa, para reformar hábitos políticos seculares. Fêz-se isso? Não. Não se fez. O Governo se limitou a alguns 'jingles' tipo 'Acorda Brasil' e apelidou nosso pauzinho de 'Bráulio', contra a Aids. Resultado: mais de três anos na mão do conchavismo desesperante do Congresso e três anos vivendo de reformas que não chegam nunca, deixando-se de lado a política pontual da chamada "área social" (ridícula expressão tucano-militar - como se houvesse algo fora do 'social'...).

Esta paralisia 'macro' causou o desinteresse 'micro'. Mas, santo Deus, mesmo sem cair no "Estado paternalista", como dizem os sociólogos, não se poderia ter tido, por exemplo, uma política de saúde ou habitacional mais rápida e radical? Não se poderia ter feito um projeto para o Nordeste, com 'grupos executivos', como JK fez, passando por cima dos burocratas e corruptos locais? O Nordeste é uma emergência perene, mesmo sem seca. Sempre foi. Governar o Brasil começa por mexer no Nordeste, na terra e nos homens que mandam lá. É uma emergência em si.

Onde está a grandeza de obras? Sei que há o Proget-FAT (será este o nome? Pra que serve?), sei que há 'frentes de trabalho', sei que há barragens, que há a "comunidade solidária"... mas, meu Deus do céu, como estes projetos da 'área social' têm um cheiro nostálgico e triste da época da 'educação moral e cívica' dos militares, que jogavam um consolo ao 'povão'...

Outro erro grave foi a falta de imaginação política, por meio de medidas que não dependessem do Congresso, exigindo dos ministros, com mão-de-ferro, que as metas fossem cumpridas. Mão-de-ferro faltou sempre.

Um grande mérito de FHC foi ter inaugurado um governo sem pressas messiânicas e sem populismos fáceis. Seu grande mérito foi abrir caminho para a sociedade civil despertar, sem depender do Estado. Tudo bem. Mas, o 'não-messianismo' não significa 'inatividade', falta de paixão, falta de generosidade, falta de urgência. Não ser populista não significa ser aristocrata ou ignorar o povo. FHC acreditou na "razão" como se esta fosse um "amuleto de Rousseau", acreditou em *Iluminismo* num país de ignorantes que precisam de explicações claras, e acabou caindo no mesmo erro 'ibérico' que tentou criticar, achando que poderia ser um 'D. Sebastião light' ou um 'bonapartista sorridente', evitando elegantemente um certo 'neopopulismo' que poderia até ser honesto e humilde.

FHC não é um neoliberal deslumbrado, nem oportunista, nem desonesto. Mas, dada a sua tendência para o compromisso excessivo, acaba dando razão aos maniqueístas burros que o criticam. E agora, não adianta mais a revoadinha de tucanos em pânico tentar recuperar 'credibilidade' junto ao povo. Acho até que FHC ganha a eleição, pois ninguém quer fazer marola no marasmo. Apesar de sofrer a maior campanha de sabotagem que já vi, da USP à UDR, dos evangélicos aos ateus, FHC tem culpa sim. Foi frio, sem paixão, sem militância, sem utopia, mesmo a tal 'possível'.

FHC tem um programa político, mas não o executa; assim como o PT não tem programa, mas diz que vai executar. Nesta sinuca estamos nós. Não adiantam correrias para mudar o marketing. Quem tem de mudar não é a opinião pública. Quem tem de mudar é o Presidente.